



***CRÍTICA
BIBLIOGRÁFICA***



O livro “A história cantada do Brasil em 78 rpm”, de Nirez

ELSIE STUDART GURGEL DE OLIVEIRA¹

Imagine-se uma entrada no túnel do tempo, no começo do século XX, quando se inicia *A História Cantada do Brasil em 78 Rotações*. Esse é um passeio proporcionado pelo pesquisador musical Miguel Ângelo de Azevedo, o tão conhecido Nirez, dono de um arquivo inigualável sobre a música popular brasileira e tido, merecidamente, como um ícone da cultura cearense, com amplitude nacional, inclusive, em razão do seu desmedido esforço para resgatar a memória de um País, como o Brasil, onde os seus principais acontecimentos estiveram sempre atrelados às composições musicais que marcaram épocas, pessoas e situações.

Tudo afinal nesta terra é motivo de “cantoria”, não importando o gênero, se é samba de breque, ou se é samba-canção. O que vale é cantar as alegrias e as dores, porque cada composição tem aspecto singular que identifica o momento da criação. O Nirez sabe tanto disso que nesse seu livro organizou um *tour* pelos caminhos da história da música brasileira, percorrendo atalhos pontuados por fenômenos cíclicos, políticos, esportivos, sem perder, por um só instante, o fio da meada: a arte imitando a vida, e vice-versa, ao som das gravações que viraram décadas e foram de um século a outro.

Provavelmente o Nirez não se encanta pela música “Ah, que delícia”, até bem pouco tempo no topo das paradas musicais. A composição deve fugir ao seu gosto tão apurado de um pesquisador, mas, na

¹ Técnica de Assuntos Educacionais aposentada do DNOCS. Graduada em Letras. Membro do Comitê de Ética em Pesquisa do ICC

verdade, em se tratando do livro que ele vem de brindar seus leitores, o que se pode dizer é não mais do que isso: “Ah, que delícia”!

Perpassando devagar por suas 487 páginas (as de referências a pessoas não estão incluídas), a primeira letra de música que me fez parar no tempo, foi a “Canção Militar”, datada de 1918. Outra, da mesma linha nacionalista, gravada em 1942, foi “Fibra de Herói”. E mais outras vieram, na sequência, exaltando os brios do brasileiro corajoso, que não se intimida na guerra e até sai por cima, como aconteceu com “Mia Gioconda”, na voz do tenor Vicente Celestino.

E assim segue a história cantada e contada por Nirez, em 78 rotações. Novas guerras entram em cena e se convertem em canções populares, da mesma forma que a política popular vira tema de composição. A chegada do automóvel, a transformação urbanística, os conflitos gerados no ventre das sucessões, tudo está registrado no arquivo do Nirez, hoje totalmente informatizado, mas que não perdeu o cheiro do disco de cera, em 78 rotações. A tecnologia praticamente acabou com o vinil; hoje, quase somente os DJ apelam para o seu uso, mas o prodígio da memória do Nirez é maior que os recursos da digitalização. Com ele, nada se perde, ainda que se transforme.

A história continua sendo a luz do tempo, daí porque este é um livro iluminado, deixando às claras o universo musical de um país com regiões diferentes e modos de cantar absolutamente desiguais. Nisso está a riqueza da música popular brasileira, que o Nirez, com toda a sua genialidade, soube captar e doar de presente, sob a forma de livro ao público leitor, entusiasmado em conhecer os lances da história, magnificamente intrincados com a versatilidade do povo brasileiro, em matéria de composição musical. Essa verve, presente nos versos e canções, leva a um tempo em que autoridades, como Getúlio Vargas e Adhemar de Barros, eram figurinhas costumeiras nas canções, não só pelo bem, mas também pelo mal; Juscelino Kubitschek foi outro que serviu de mote a inúmeras composições, a exemplo de “Presidente Bossa Nova”, de autoria de Juca Chaves. Jânio Quadros, por sua vez, não se fez de rogado e cumpriu também o seu papel.

O Nirez não é só um grande pesquisador musical. Ele é um excelente historiador, tanto que nesse último século nada passou pelos seus olhos, melhor dizendo, pelos seus ouvidos, sem ser registrado. A vida brasileira está, pois, contida nesse livro, que fala de secas (1915, 1932,

1958, 1959), que conta a saga da cabocla Maringá, que faz referência ao centenário da independência, não regateando no refrão do hino que consagrou a efeméride: “Brava gente, brasileira...”

E por aí vai o senhor Miguel Ângelo de Azevedo, catando pérolas, para incorporar na sua preciosíssima coleção musical. Para ele, tudo tem um significado particular: pode ser a cabocla faceira, as duas polegadas a mais da Marta Rocha, a história do Lampião, a Copa do Mundo de 1950; se virou música, foi prato cheio para ele, entendido maior em samba, futebol e café. Nenhuma crise é deixada por menos, pelos autores nacionais, daí a razão de a história musical do País ser tão facetada de fatos cunhados na rua e nas casas, denunciando situações vexatórias como a carestia, a falta de oportunidades para trabalhar, os baixos salários e muito mais. Nirez, o investigador, conhece como poucos, o caminho das pedras.

As marchinhas da década de 1950 são exemplos disso. É só atentar para as letras de “Deixa a coisa como tá”, “Tudo sobe”, “Tô duro” e aquela que diz: “o pobre nunca tem vez. É só *inconomia* do começo ao fim do mês”.

Nirez, nessa sua fantástica obra, não deixou passar o evento da imagem peregrina de Fátima chegando ao Brasil, arrolando no seu livro quatro composições alusivas ao acontecimento: “Ave de Fátima”, “Sobre os braços da azinheira”, “Hino à Nossa Senhora de Fátima”, o samba-canção “Nossa Senhora de Fátima” e o tango-canção “Virgem Nossa Senhora de Fátima”.

É interessante como esse pesquisador consegue parar o tempo, para tornar visíveis as canções da época, sustentadas pelo noticiário, dando conta do que vinha acontecendo. Um caso digno de ser exemplificado é o que trata do Quarto Centenário de São Paulo, envolvendo diferentes gêneros musicais: samba, marcha, valsa, dobrado, baião, hino e até oração. O Nirez, que sabe tudo, tem tudo gravado e arquivado.

Em outras páginas do livro, o sábio Miguel Ângelo Azevedo encaminha sua história para o rádio, fazendo alusão à primeira emissora a entrar no ar no Brasil, no caso a Rádio Clube de Pernambuco, em 1919. De lá para cá, ele dá um passeio nas novelas que marcaram época, como o “Direito de Nascer”, com temas musicais pertinentes. Ao se referir à televisão, ele traz de volta à cena, músicas que foram sucesso nos anos 50/60, como “Índio quer apito” e “Boi da cara preta”, identificadas com

o carnaval e plantadas nos jornais e TVs do País, à conta de fatos imbricados com a política e com a “saída do armário”.

A história cantada no Brasil em 78 rotações, não para por aí. Ela guarda testemunhas sobre o Barão do Rio Branco, Padre Cícero Romão Batista, o Rei da voz Chico Alves, Carmem Miranda, Augusto Calheiros, Dolores Duran, Assis Valente, cada um com suas particularidades musicais. São também personagens ligados à produção, dessa natureza, Maria Tereza Goulart, mulher de Jango, e Tenório Cavalcante, o político polêmico que amedrontava Caxias, na baixada fluminense, o que vem mostrar que a música brasileira se confunde com a própria história do Brasil.

Quem se der ao luxo de conhecer esta obra, vai sair enriquecido e até agradecido ao Nirez pelo aprendizado do que foram a Bossa Nova e a Jovem Guarda, para, no final, dizer tão somente: “Caixinha, obrigado”.

E mais uma vez o bairrismo se impõe, dentro de um contexto melódico-estético, permitindo o grande Nirez que seus leitores se deliciem com o baião “Praça do Ferreira”, de Gordurinha e Nelinho, lançado em 1961, falando do ventinho bom que sopra lá na Praça, sacudindo a saia da moçada assanhada. Quem sabe não seja esse vento camarada do Ceará, o responsável pela agitação dos bilhões de neurônios do ilustre pesquisador Miguel Ângelo de Azevedo, ao ponto de se conectarem, na pauta do preciso, para produção de uma obra do porte da que vem de ser lançada pelas Edições UFC. O Nirez merece parabéns, em dose dupla: pelo seu talento de pesquisador e pela *História cantada no Brasil em 78 rotações*.